

# Adam Smith: 300 anos

Não deixemos que o seu rico legado seja indevidamente apropriado pelos defensores dos livres mercados

---

**Ana Frazão**

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do CADE.

---

No ano em que celebramos os 300 anos do nascimento de Adam Smith, é importante aproveitar a oportunidade para tentar compreender melhor o seu pensamento, evitando muitas das conclusões apressadas que nos são apresentadas por parte dos economistas conservadores.

No meu primeiro livro<sup>1</sup>, eu explorei a famosa obra *A Riqueza das Nações*<sup>2</sup>, publicada pela primeira vez em 1776. Naquela ocasião eu já havia percebido que somente uma leitura isolada e descontextualizada de algumas afirmações de Smith poderia justificar a conclusão de que ele seria um ardoroso defensor do *laissez-faire*.

Afinal, a obra de Smith é complexa, repleta de nuances e ainda precisa ser vista no contexto da crítica ao mercantilismo e à alta centralização estatal da economia. Mesmo assim, fica claro que Smith considerava o Estado necessário para diversos propósitos, tais como os relacionados à educação de jovens e à instrução para todas as idades.

Smith também se preocupava com a questão dos salários, argumentando que nenhuma sociedade pode ser feliz se a maioria dos seus membros é pobre e miserável. Consequentemente, entendia que os salários deveriam ser suficientes para a manutenção do trabalhador, pois seria uma questão de equidade que aqueles que vestem, alimentam e abrigam a sociedade

---

<sup>1</sup> FRAZÃO, Ana. *Propriedade e Empresa. Função Social e Abuso de Poder Econômico*. São Paulo: Quartier Latin, 2006, pp. 38-42.

<sup>2</sup> SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. 6ª ed. Londres: Methuen & Co. Ltd. London, 1950.

tivessem condições de igualmente ser bem alimentados, bem vestidos e bem abrigados<sup>3</sup>.

Não se pode esquecer que Smith era professor de Filosofia Moral na Universidade de Glasgow e que, no seu famoso livro *A Teoria dos Sentimentos Morais*<sup>4</sup>, deixou claro que o interesse individual jamais poderia ser um valor absoluto, já que a virtude seria a harmonização entre os interesses próprios e os interesses dos outros, razão pela qual se deve enaltecer a simpatia e o autocontrole.

*A Riqueza das Nações* não representou, portanto, uma ruptura das preocupações de Smith com as questões morais. Essa é a razão pela qual existe uma vastíssima literatura mostrando que a teoria de Smith sempre apresentou uma base essencialmente moral e atenta aos interesses sociais<sup>5</sup>.

O grande problema é que o pensamento de Smith foi posteriormente apropriado e difundido sob o prisma exclusivo do auto-interesse, em total desconsideração aos seus demais pressupostos éticos e morais. Amartya Sen<sup>6</sup> afirma, ironicamente, que muitos admiradores de Smith não passaram do trecho em que este afirma que não é da benevolência do padeiro, do açougueiro e do cervejeiro que o indivíduo obtém o seu jantar, mas do auto-interesse de cada um deles.

Em sentido convergente, Jacob Soll, no instigante livro *Free Market. The History of an Idea*<sup>7</sup>, deixa claro que a compreensão neoliberal de Smith, como um defensor da desregulação e dos livres mercados, não é fidedigna, pois o filósofo escocês via um significativo papel para os governos e as instituições, assim como não acreditava que a ganância era boa<sup>8</sup>. Outro importante foco de contraste entre Smith e o neoliberalismo é que, enquanto uma das principais preocupações do primeiro era o papel dos negócios no governo, Mises, Hayek e Friedman preocupavam-se essencialmente com os perigos do governo na vida privada<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup> The Wealth of Nations, op.cit., p. 80.

<sup>4</sup> SMITH, Adam. *The Theory of Moral Sentiments*. Indianapolis: Liberty Fund, 1984.

<sup>5</sup> Dentre os autores citados por FRAZÃO, Ana (Op.cit.) que endossam esse entendimento, encontram-se Sen, Bellamy, Bobbio, Polanyi e Gianetti.

<sup>6</sup> SEN, Amartya. *Sobre Ética e Economia*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 39.

<sup>7</sup> SOLL, Jacob. *Free Market. The History of an Idea*. New York: Basic Books, 2022.

<sup>8</sup> Op.cit., pp. 11-12.

<sup>9</sup> Op.cit., p. 215.

Diante de tantas diferenças entre Smith e as posturas neoliberais, Soll sustenta que a única razão que permitiu a Hayek e Friedman associarem Smith a uma defesa incondicional dos livres mercados foi o verdadeiro *cherry-picking* que estes últimos fizeram da obra de Smith:

“However, both Hayek and Friedman cherry-picked their passages, and in doing so, transformed Smith from a moral philosopher – one distrustful of merchants and corporations, who believed in a strong elitist government, colonial rule, slavery, public education, and targeted tariffs – into a libertarian defender of modern corporations.”<sup>10</sup>

Consequentemente, somente a utilização de algumas citações isoladas de Smith, totalmente apartadas do seu contexto histórico, permitiriam justificar as conclusões a que chegaram vários dos neoliberais<sup>11</sup>. Nesse sentido, Soll dedica o capítulo 13 da sua obra para examinar com profundidade o pensamento de Smith, ressaltando as suas conexões com as preocupações morais de David Hume e mostrando a importância que o autor escocês dava ao amor e à cooperação.

Soll mostra também que a mão invisível – mencionada, aliás, somente uma única vez na *A Riqueza das Nações* – foi usada de forma ambígua e com viés crítico, a ponto de a historiadora Emma Rothschild entender que Smith usou a metáfora da mão invisível forma irônica, aspecto que inclusive foi ressaltado em recente artigo de Belluzzo<sup>12</sup>.

Outra excelente análise da obra de Smith é a propiciada por Naomi Oreskes e Eric Conway no livro *The Big Myth. How American Business taught us to loathe government and love the free market*<sup>13</sup>. Dentre os pontos salientados pelos autores, destaca-se o fato de que as legítimas preocupações de Smith com salários permitem considerá-lo como alguém extremamente preocupado com a pobreza e a desigualdade<sup>14</sup>.

Para Oreskes e Conway, o problema é que Stigler capitaneou uma edição reduzida de *A Riqueza das Nações*, que omitiu passagens importantes da

---

<sup>10</sup> Op.cit., p. 161.

<sup>11</sup> Op.cit., p. 162.

<sup>12</sup> BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Adam Smith e a mão invisível. *Valor Economico*. Edição de 04.07.2023.

<sup>13</sup> ORESKES, Naomi; CONWAY, Erik. *The Big Myth. How American Business taught us to loathe government and love the free market*. New York: Bloomsbury Publishing, 2023.

<sup>14</sup> Op.cit., pp. 280-281.

obra original, dentre as quais as preocupações de Smith sobre tributação e bens públicos e os quatro grandes domínios que não seriam devidamente equacionados apenas pelas forças de mercado: defesa, justiça, obras públicas e instituições<sup>15</sup>.

Logo, a condensação de Stigler acabou escondendo o verdadeiro Smith. Afinal, por mais que seja justo afirmar que o autor escocês adotava uma presunção contra a intervenção estatal, ele também deixava claro que tal presunção poderia ser desafiada em diversas hipóteses, aspecto que acabou sendo ignorado por toda uma legião de estudantes que aprenderam Smith a partir da edição reducionista de Stigler<sup>16</sup>.

Tais aspectos têm sido ressaltados por diversas produções recentes que destacam não somente complexidade do pensamento de Smith, como o reducionismo da interpretação da Escola de Chicago. Merece destaque, nesse sentido, o podcast *Freakonomics*<sup>17</sup>, que dedicou três episódios ao tema, apresentando as seguintes conclusões:

- o exame da biografia de Smith comprova que não se trata de autor de fácil compreensão, pois sua obra apresenta diversas nuances;
- uma das preocupações fundamentais de Smith era a amabilidade e o desenvolvimento da empatia e de outras virtudes morais;
- *A Teoria dos Sentimentos Morais*, livro anterior de Smith que impressionava pela humanidade, nunca associou riqueza à virtude moral; pelo contrário, advertia que a tendência da sociedade de valorizar ricos e poderosos e menosprezar pobres é uma das fontes da nossa corrupção moral;
- *A Riqueza das Nações* virou uma espécie de Bíblia, no sentido de que é muito fácil citar um trecho para justificar qualquer tipo de orientação;
- ainda que a obra de Smith seja utilizada por diferentes correntes econômicas, os conservadores fizeram um trabalho bem melhor de apropriação;

---

<sup>15</sup> Op.cit., p. 281.

<sup>16</sup> Op.cit., pp. 282-286.

<sup>17</sup> *Freakonomics*. In Search of the Real Adam Smith, <https://www.youtube.com/watch?v=W7X1wDfpgIE>; Was Adam Smith Really a Right-Winger? [https://www.youtube.com/watch?v=2gQyO\\_M8jAs](https://www.youtube.com/watch?v=2gQyO_M8jAs); Can Adam Smith fix our economy? <https://www.youtube.com/watch?v=rjDMNmJpGFs>

- a mão invisível era um aspecto lateral de *A Riqueza das Nações* – mencionada apenas uma vez no livro – razão pela qual é no mínimo complicado atribuir a ela a relação que Friedman fez com o mecanismo de preços;
- se a mão invisível realça o que hoje chamamos de externalidades positivas da ação econômica individual, diversas outras passagens de Smith realçam as externalidades negativas, o que é ignorado pelas interpretações neoliberais;
- em nenhum momento Smith coloca o auto-interesse como algo absoluto e muito menos o utiliza para justificar o egoísmo e a ganância;
- para Glory Liu, autora do Livro *Adam Smith's America. How a Scottish Philosopher Became an Icon of American Capitalism*, a Escola de Chicago efetivamente ressignificou Smith, realçando apenas os trechos que robusteceriam a teoria científica do preço, mas negligenciando várias nuances e complexidades do seu pensamento;
- Thatcher fez no Reino Unido o que Friedman e Stigler fizeram nos Estados Unidos, o que justifica a pecha de radical direitista atribuída a Smith;
- ainda que possa haver alguma discussão sobre a intencionalidade ou não do *cherry-picking* que a Escola de Chicago fez da obra de Smith, fato é que esta passou a divulgar uma versão que não correspondia ao verdadeiro autor;
- embora seja muito difícil definir Smith no plano político, não se poderia considerá-lo como um defensor dos livres mercados, até porque o que ele chama de livre mercado não é propriamente um mercado livre do Estado, mas sim um mercado livre dos *rent-seekers*.

É interessante notar que tais conclusões convergem com alguns escritos recentes de economistas brasileiros por ocasião dos 300 anos de Smith. Andre Roncaglia<sup>18</sup>, por exemplo, mostra que Smith é muito mais interessante do que a caricatura urdida pelos neoliberais. Já Eduardo Gianetti<sup>19</sup> insiste no fato

---

<sup>18</sup> RONCAGLIA, Andre. As múltiplas faces de Adam Smith. O autor real é muito mais interessante do que a caricatura mítica urdida pelos neoliberais. *Folha de São Paulo*. Edição de 07.07.2023.

<sup>19</sup> GIANETTI, Eduardo. Gênio de Adam Smith ainda espanta nos 300 anos de seu nascimento. Legado do pensador permanece referência incontestável na economia e desperta acaloradas discussões. *Folha de São Paulo* online de 13.05.2023.

de que o livre mercado, para Smith, nunca foi uma panaceia, mas sim algo que “não prescindia de ação e regulamentação do Estado, a começar pela administração da Justiça, para sua própria existência.” Daí a sua conclusão:

“Do mercado de crédito ao de fretes marítimos e da oferta de educação básica à de bens públicos e infraestrutura, “A Riqueza das Nações” está repleta de exemplos mostrando como a ação governamental era necessária e bem vinda, desde que feita com o devido cuidado, a fim de corrigir falhas e promover o crescimento e bem-estar.”

De tudo quanto foi exposto, fica claro que a famosa foto de Stigler com a camiseta *Adam Smith’s best friend* simboliza muito mais a arrogância do economista norte-americano do que o esforço de sua parte de dialogar de forma honesta com a totalidade do pensamento de Smith.

Passados 300 anos do nascimento do filósofo escocês, podem subsistir ainda muitas dúvidas interpretativas sobre a sua obra. Mas é certo que temos subsídios consistentes ao menos para desconstruir a caricatura feita pela Escola de Chicago e para avançar em diversos aspectos nos quais Smith considerava importante a intervenção estatal.

Publicado em 19/07/2023

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/os-300-anos-de-adam-smith-19072023>

